

Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES: — Alberto Pimentel; Alberto Telles; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Santilhana. — *Historia do infante D. Duarte*, (continuação), por Pinheiro Chagas. — *As Gilanias*, por D. Guiomar Torreão. — *O condemnado*, conto, por M. S. — *O equinho*, conto, por José Maria da Costa. — *Testamento singular*, conto, por Guix Baly. — *As nossas gravuras*. — *A capella*, soneto, por Luiz Guimarães. — *Em familia (Passatempos)*. — *Um conselho por semana*. — *A rir*. — *Flores do bem*, conto, trad. de Vidigal Salgado.

GRAVURAS: — *O solar dos duques de Bragança em Barcellos*. — *A rainha D. Maria II e sua augusta familia*. — *Uma aguarella d'El-Rei D. Luiz*. — *El-Rei D. Luiz, caçando*. — *El-Rei D. Luiz, a rainha e seus filhos*.

CHRONICA

Querem as leitoras ver um retrato que a princeza Ratazzi faz do novo rei de Portugal, nas *Matinées Espagnoles*? Ah! vae elle:

«Lindissimo rapaz, com um cabello louro e frisado como o de sua mãe, uma tez de menina, rosea e nacarada, como diz o poeta, olhar meigo e acariciador, um sorriso espirituoso e ligeiramente zombeteiro, um bigodinho fino e brilhante, tem tudo quanto é necessario para vir a ser um rei popular.»

Até aqui, julgavamos nós, e começaco toda a gente, parece-nos, que, para se ser um rei popular, bastava cuidar com interesse do bem estar do povo; prover solícita e escrupulosamente as necessidades do povo; e ser um rei popular.

que, nos tempos revoltos que vão correndo, não faz mal alliar a democracia á realza.

Foi tudo isto e tudo isto fez o bondosissimo rei que ha pouco perdemos, embora a orthodoxia exquisita e terrorista do sr. cardeal patriarcha nos dê o virtuoso monarcha como que a de-



O SOLAR DOS DUQUES DE BRAGANÇA EM BARCELLOS

purar-se ainda nas profundezas igneas do purgatorio, sem lograr vêr abrirem-se-lhe as portas do ceu.

Exemplificou todas as virtudes e todas as regras de bem reinar, o extinto soberano, tendo sido um verdadeiro rei popular, na accepção mais ampla da palavra.

Até á data da sua morte, não julgavamos que outros dotes e outras prendas fossem precisas á pessoa d'um imperante, para conquistar a popularidade. Hoje, porém, no authorisado dizer da princeza Ratazzi, vemos ser indispensavel a um rei, que deseja tornar-se popular nos seus estados, possuir cabello frisado e loiro; tez de menina, rosea e nacarada; olhar meigo e acariciador; sorriso espirituoso e ligeiramente zombeteiro; bigodinho

E agora vemos nós a rasão porque o velho monarcha brasileiro foi escorraçado cruelmente da sua patria, sem attensões nem respeitos, como da casa de qualquer é despedido o servil que não presta.

O pobre D. Pedro d'Alcantara não tinha o cabello cõr de ouro, nem a tez rosada de donzella, nem o sorriso zombeteiro, nem o fino bigode brilhante que a illustre escriptora das *Matinées Espagnoles* preconisa.

É um velho achacado, quasi decrepito, de tez pergaminhada, olhar profundo e triste, longa barba alva como o linho, fronte sulcada de rugas, alma cheia de sombras e de desgostos.

Foi de certo por isso que o desthronaram, foi. Já não tinha sorrisos espirituosos e zombeteiros o velho imperador.

Que vontade poderia elle ter de sorrir, o misero enfermo!

E eis-o ahi vem, mar fóra, depois de haver presidido como soberano a uma das maiores e mais ricas nações do mundo; eis-o ahi vem, cangado, doente, semi-morto, disilludido, sem corôa e sem saude, sem fortuna e sem forças, procurar na Europa amiga um refugio que a America despiadosa lhe nega.

Ahi vem, desventurado pária errante, contando á immensidade do oceano revoltado a immensidade das suas amarguras; ahi vem, pedir-nos, talvez, uns palmos de terra onde se esconda na morte proxima, já que a patria descaroadá lhe não quiz dar sepultura condigna.

E eis o que vale ser imperador d'um grande povo!

Gasta-se o melhor da vida, se não a vida inteira, a lidar pelas prosperidades do paiz cuja direcção suprema o destino nos confiou. É-se bom, clemente e justo; alarga-se o commercio; illustra-se o povo; dá-se-lhe liberdade e ensina-se-lhe a amar o progresso; cria-se um exercito forte e uma armada poderosa; bane-se a escravidão; exemplifica-se, do alto d'um throno, a liberalidade e a democracia; protege-se as sciencias e as artes.

No fim de tudo isto, depois de completa a obra civilisadora, á custa de muito cogitar e de muito soffrer, quando se pensa ter direito ao reconhecimento do povo illustrado e engrandecido, quando se imagina ter jus á gratidão do exercito e da marinha, esse exercito cruza bayonetas aggressivas ao peito de quem o fortaleceu; essa marinha accende morrões para exterminar, á primeira voz, os defensores d'aquelle que lhe deu poderio; esse povo revolta-se ferozmente, desapiedadamente contra o homem que o illustrou e lhe deu liberdades amplissimas.

Á fé, que é deshumano isto!

E a deshumanidade parecia-nos não ser a divisa dos brasileiros, dos que por largos annos fôram nossos irmãos, dos que tanto se nos assemelhavam por affinidades de educação, de linguagem, de indole e de costumes.

Nunca Portugal appellou para elles, em favor d'um velho invalido e pobre, que não encontrasse a sua bolsa aberta e o seu coração compadecido.

Nunca lhes acenou com uma desventura, que os não visse correr pressurosos a suavisal-a.

Pois d'uma desventura se tratava agora—que bem grande desventura é ter a vida por um fio, cruciada de dôres—e o povo brasileiro não se amerceiou d'ella, vendo-a de portas a dentro, como a via, tendo-a ali deante dos seus olhos.

Pois d'um velho quasi invalido e pobre se tratava—que bem pobre e enfermo é o velho imperador desthronado—e o Brazil, o paiz generoso por excellencia, que parecia ter um coração tão grande como o seu territorio, não se compadecia da pobreza e da velhice doentia d'esse velho imperante.

Tendo aproveitado, a bem do seu engrandecimento, o vigor da mocidade de Pedro II, quando o viu gasto pelas enfermidades e alquebrado pelos annos, disse-lhe cruamente, no delirio dos seus enthusiasmos jacobinos:—Vac-te!

E o bondoso velho ahi vem, oceano fóra, pedir á Europa hospitaleira que lhe dê gazalhado e sepultura.

Triste situação, triste coisa!...

Ao menos D. Luiz de Bragança, tendo soffrido tanto em vida, gosou o supremo consolo de ver formar-se em roda de si, na derradeira agonia, um círculo de bênçãos e d'affectos.

Desthronou-o a morte, que nem os reis poupa, a despeito da sua origem divina, mas não o desthronou o exercito nem o

Morreu, sabendo que um filho dilecto lhe herdaria a corôa. Finou-se, com a certeza de que teria na patria um tumulo.

Emquanto que o misero D. Pedro d'Alcantara... de que lhe serviu a elle ser imperador? de qué?...

Um veranito de S. Martinho traíçoeiro e canalha, este com que de nós se despediu o outono.

Ao seu calor primaveral, quantos acontecimentos lugubres e fataes se deram ahi por esse mundo de Christo—incendios, suicidios, desthronamentos, mortes desastrosas, desgraças medonhas e imprevistas...

Foi uma hecatombe.

Para rir, por entre as tristezas que tamanhos e tantissimos infortunios provocaram, só houve um caso:—a comedia da ultima recomposição ministerial.

Ainda havemos de contar-o um dia, talvez...

SANTILHANA.

HISTORIA DO INFANTE D. DUARTE

IV

Como era natural, apaixonou-se o sr. Ramos Coelho pelo seu heroe, e não ha virtudes de que o não supponha ornado. Contribue muito para nos fazer acceitar esta impressão do illustrado biographo, o martyrio que o biographado padeceu; mas ainda assim, temos pena de que tão longe se deixasse arrastar o sr. Ramos Coelho pelo seu enthusiasmo que não nos deixe perceber bem, qual a indole e qual o character d'este principe. Que elle era generoso e valente, parece incontestavel; que na guerra dos Trinta Annos, em que tomou parte, foi um dos officiaes que trataram com mais prudencia os povos e os soldados, tambem parece provado; e effectivamente, bem sabemos quanto é violento o character allemão, em tempo de guerra, e podemos affiançar tambem, apesar das atrocidades da India, que em geral os portuguezes se teem mostrado de indole muito menos cruel que os homens de outras nações, principalmente das nações do norte. Demais, D. Duarte fôra educado christãmente por seu pae, não recebera em sua casa senão exemplos de brandura, não o endurecera ainda o habito da lucta e era bem natural que tudo o levasse a proceder com mais lenidade do que os seus compaheiros de armas.

Relativamente porém ao affecto que votava ao seu paiz, que é o que mais nos interessa, poucas informações seguras obtemos, devemos confessal-o, no livro do eminente academico. Bem desejaríamos por isso que o sr. Ramos Coelho publicasse, na integra, todos os documentos que lhe serviram para a sua historia. Nada ha mais importante. Cada um lê os documentos que encontra, debaixo do seu ponto de vista especial, e é das differentes interpretações que se pôde deduzir e apurar a verdade.

Nas cartas que até agora temos encontrado do infante D. Duarte, mal podemos reconhecer o principe intelligente que esperavamos encontrar. Bem sabemos que as preoccupações do seculo XVII eram muito differentes das actuaes, e que o que hoje nos parece frivolo e futil, era então considerado como de primeira importancia.

Ainda assim, não nos parece extremamente indicadora de uma viva intelligencia a epistolographia, quasi pueril, do infante.

Que o imperador Fernando II não fallasse a D. Duarte senão nos veados e nos porcos montezes que matava, prova isso simplesmente que o imperador era insignificante; mas que o infante produza embevecido essa conversação puerilmente cynegetica na carta por elle escripta a seu irmão, e que tanta importancia lhe ligue que peça ao duque de Bragança que a mostre ao irmão D. Alexandre, já abona pouco a alteza do espirito que esperavamos encontrar em D. Duarte. Emfim, vamos escrevendo as nossas impressões, á medida que vamos lendo o livro, e é possível que no periodo do seu captivo algumas cartas se encontrem que revelem maior elevação de pensamento. Por ora,

Saint-Simon as tinha, que admira que as tivesse D. Duarte de Bragança?

Era um devoto? Não o estranhámos também, mas arripia-nos a carta em que elle pinta Fernapdo II, que mandava assassinar Wallenstein e que tão cruel se mostrava, como um favorito de Christo, que ouvia a imagem do Crucificado fallar-lhe em latim. Tudo isso enfim perceberíamos, se fosse acompanhado por outras coisas. Comprehendemos todas as frivolidades, todas as preocupações da etiqueta, todas as manifestações de um espirito estreitamente devoto n'um joven principe do seculo XVII; o que não percebemos é que de outra coisa se não occupe também.

Qual foi o papel militar que D. Duarte representou na guerra dos Trinta Annos? Não podemos também adivinhal-o. Vemos que foi feito sargento-mór de batalha, e coronel de um regimento, e isso prova alguma coisa, como também alguma prova a estima que por elle parece ter tido Piccolomini, que era um habil general; mas escapa-nos completamente a comprehensão do modo como D. Duarte desempenhou esses postos nos combates em que esteve presente.

Ha um problema também n'esta vida do infante. E' a historia da sua vinda a Portugal em 1638. Que veio elle cá fazer? Veio simplesmente tratar dos negocios da sua casa, ou veio movido por alguma preocupação politica? Nada o pode demonstrar. Veio embarcado, para não ter que atravessar a Hespanha; a bordo do seu navio portou-se denodadamente, porque o navio teve de se defender contra os ataques de uns corsarios barbarescos.

Partiu immediatamente para Villa-Viçosa, e a historia do seu regresso á terra onde nascera, ao Paço onde tinham corrido os annos da sua infancia, é traçada com mão de mestre pelo sr. Ramos Coelho.

Chega tarde, encontra o Paço fechado, bate á porta, sentindo o coração pulsar-lhe com alvoroço, vem o criado v-lho abrir, e a sua alegria, e o reboço que ha no Paço quando se tem conhecimento da chegada do moço principe, e a apparição do duque de Bragança que vem correndo ao seu encontro, e a amavel recepção da duqueza, tudo isso apresenta um quadro pittoresco e cheio de movimento.

Comtudo, passadas as primeiras expansões, parece que voltaram as discordias antigas. D. Duarte pouco se demorou em Villa Viçosa, e partiu á pressa para Lisboa, com o pretexto de esperar ali mais perto o momento em que o navio que ia partir podesse levantar ferro. O sr. Ramos Coelho parece satisfazer-se com essa desculpa. Sinceramente não concordamos com tal opinião. Sem duvida a existencia no Paço de Villa-Viçosa tornou a ser tão intoleravel para elle como o fôra antes da sua partida. Porque? Não o sabemos.

D. Duarte parece que partiu de Portugal com a profunda convicção de que Portugal estava sendo definitivamente uma provincia hespanhola. Acabavam de ser suffocados rapidamente e em ondas de sangue os motins de Evora. D. Duarte nem quiz ouvir os fidalgos que instavam com elle para que ficasse, para que tomasse a direcção do movimento revolucionario, já que seu irmão não queria. D. Duarte viu o reino desarmado, e riuse da possibilidade do triumpho de uma insurreição popular. Official do exercito austriaco, sabia quão facilmente um regimento continha e subjugava populações inteiras sublevadas. Trazia da Allemanha a impressão profunda da grandeza do poder da casa de Austria, sabia que intimas relações ligavam Vienna com Madrid, e comprehendia que n'um momento dado as duas potencias se uniriam para esmagar quem tentasse resistir a qualquer d'ellas. Era o oiro hespanhol quem subsidiava os regimentos austriacos que faziam a guerra dos Trinta Annos. Com mais facilidade podia a Hespanha concentrar esses regimentos na Peninsula.

O que tinha Portugal a oppor-lhes? Um punhado de homens que seriam esmagados tão facilmente como já o tinham sido os amotinados de Evora? As caturrices do sebastianismo? Essa impressão do sebastianismo foi uma das mais desagradaveis que o official austriaco levou de Portugal. Pareceram-lhe ridiculos esses sujeitos, que, se o não tomaram por D. Sebastião, o tomaram ao menos por um enviado do Encoberto. Era com esses visionarios que Portugal esperava recuperar a sua independencia?

Estas impressões de D. Duarte explicam mais do que tudo a fatalidade da sua vida.

volução de Portugal, foi que estavam todos doidos, e que seu irmão não era decerto o menos insensato. Este estado do espirito de D. Duarte é que precisa de ser muito estudado. Veremos que luz lança n'esta questão importantissima a historia do seu captiveiro.

Por ora, a impressão que temos é esta: podia receber D. Duarte todos os avisos que de Portugal lhe quizessem mandar, que elle só a muito custo se resolveria a voltar á patria.

PINHEIRO CHAGAS.

AS GITANAS

A fama exaltára, em tanta maneira, em Paris e para lá das fronteiras, a seducção estranha e a brutal originalidade d'estas filhas da Bohemia, que não havia modo de uma pessoa se eximir a ir admirar-as.

Eu fui uma noite á Exposição, levada da curiosidade de verificar se a novidade do espectáculo corresponderia ao estrepito do reclamo.

Acompanhava-me Elena Sanz, a grande cantora hespanhola. Ao lado da diva andaluza, era natural que eu soubesse interpretar melhor o enigmatico encanto d'essas flores sylvestres, desabrochadas na Serra Nevada.

A carruagem depozera-nos na Porta Rapp, isto é a uma distancia enorme do Theatro das Gitanas.

O dia chuvoso, d'essa chuvinha miuda e teimosa de Paris, que infiltra nos ossos uma humidade traçoceira, fizera das avenidas da Exposição outros tantos mares de lama.

Era forçoso arrostar o frio, a chuva, a lama e a fadiga para nos ser permittido admirar a celebre Maccarona e a estupenda Soledad.

Os nossos pobres sapatos de pellica protestavam, o negrume da noite no seio da qual as estrellas tiritavam, não concorria para diminuir o receio da lama.

Consultei Elena Sanz, Elena consultou-me e a curiosidade, ou antes a devoradora sede de imprevisto que nos queima a todos nós, artistas, prevaleceu contra os terrores da noite.

Atravessámos as galerias desertas e arremessámo-nos heroicamente atravez das ruas enlameadas.

A brilhante e tumultuosa Exposição parecia uma sonnam-bula, perdida na sombra tragica de uma charneca.

O horror das trevas, depois dos deslumbramentos da luz!

Nas aguas geladas e turvas do Sena dançavam caprichosamente pequeninos fogos fatuos, projectados pelas illuminações da torre.

A rua do Cairo, alguns dias antes tão buliçosa, tão agitada, vibrante de gritos estridentes e de sons cahoticos, vivamente transitada por uma alegre e festiva multidão, parecia uma abobada tumular, convidando-nos a descer ao lobrego mysterio de uma crypta!

Batiam nove horas e meia quando chegámos, extenuadas e transidas de frio, ao Theatro das Gitanas.

Decididamente, era preciso que Maccarona fosse um prodigio e que Soledad fosse uma maravilha, para nos compensarem o penoso sacrificio.

O espectáculo, para remate das nossas tribulações, ia terminar. Dispunhamos apenas dos minutos indispensaveis para vermos em um relance fugitivo o *mot de la fin* do pittoresco e demoniaco bailado.

Quando entrámos no theatro, Maccarona estava em scena.

De subito, esquecemos o frio, a lama viscosa que nos pesava nos pés e o nordeste que nos mordera a cara e as mãos.

A tribu dos ciganos, assentada dos dois lados do proscenio, agitava freneticamente as panderetas e tocava dolentemente as guitarras.

No meio do palco, Maccarona, embrulhada em um chale de tonquim cõr de laranja, estorcía-se em convulsões epilepticas, dobrava-se em desarticulações funambulescas, batia com a cabeça nas costas, torcia o corpo elastico em espiraes phantasticas, fazia dos braços nervosos um collar para o pescoço hirtó, enroscava-se em um torçulho de corpo e braços revoltos, curvia

se no tapete, desenrolando-se em ondulações serpentinadas de cobra estendida ao sol...

Na sala, fascinada, rebentou uma ovação ruidosa, e milhares de flores foram cair aos pés d'esse demonio feminino, d'essa filha do deserto, que tem nas veias o ardente sangue mourisco, que descende, talvez, de algum dos trinta e seis Abencerragens, que veio de longe, das serras de Granada, das collinas do Albaycin, dos jardins do Generalife, dos largos rios espelhantes, ao longo dos quaes esvoagam, como um subtil aroma, as notas tremulas das serenatas hespanholas, trazer aos scepticos parisienses da Republica o filtro tentador de uma nova e ignorada ebriedade.

Não é bonita, a famosa gitana, oh! não!

Nada, n'essa creatura primitiva, livremente guiada pela animalidade do instincto, da belleza convencional, da delicada e casta belleza da mulher civilisada.

A pelle trigueira, o nariz adunco, os labios grossos e abertos como uma rosa desfolhada, o olhar violento e duro, o rosto masculino e petulante.

Mas essa natureza indisciplinada, esse temperamento robusto e turbulento, essa plastica de Eva primitiva, exhibindo-se sem a menor noção do pudor, do pudor que na ousada phrase de uma illustre escriptora é a consciencia de uma imperfeição; essa planta inculta e luxuriante, exerce sobre os nossos sentidos uma fascinação singular, em que se confundem na mesma impressão a repugnancia invencivel e a attracção inexplicavel.

Soledad, a perola das gitanas, uma perola que acaba de ser empolgada por um russo, colleccionador de objectos exóticos, Soledad é linda como um archanjo de terra cota, despenhado do céo em um covil.

Alta, esbelta, flexivel como a palmeira do deserto, o olhar profundo e negro, a testa airosa velada em parte pelos arabescos do cabello escuro como a noite.

Na sua dança, lasciva e impetuosa, ha, por vezes, attitudes hieraticas de imperatriz bizantina, caminhando na pompa de uma apothecose.

Não raro, o corpo esguio de Soledad distende-se como a corda de um arco e parte em um febril arranque de flecha que vae cravar-se no alvo.

—Olé! olé! gritam os ciganos, batendo palmas.

E ella gira em cadencias voluptuosas, sacode os quadris com movimentos bruscos, enquanto dos seus labios rubros como o cravo valenciano se evolvem monosyllabos estridentes, pequenos uivos de loba faminta e sorrisos que faiscam como brazas.

No grupe final, enlaçam-se todas e todas sapateiam em um frenesi tempestuoso, que parece querer arrancar as taboas do proscenio e levantar o theatro em peso!

Mathilde, Dolores, Joanna, Maccaroni. Soledad e os homens, saltam, enovellados na mesma meada de braços, cabeças e pernas.

Os gritos cruzam-se, as panderetas atiram para o ar girandolas de guizos, as castanholas estalam, a dança attinge o furor de um sabbath de feiticeiras e demonios, e quando o panno desce e o ruido cessa, afigura-se-nos que acordamos de um sonho extravagante, que nos deixa um atordoamento quasi doloroso, um vago tedio pela especie humana, que produz mulheres-animaes, muito menos civilisadas do que o meu Turco, um cão que poderia dar-lhe lições de decoro e de *savoir vivre*, e a profunda fadiga que as gitanas de ferro e aço nunca experimentaram.

GUIMAR TORREZÃO.

O CONDEMNADO

Preparei-me para ouvir a confidencia que o condemnado ia fazer-me. Alli, n'um d'aquelles recintos de Africa, a que se chama—presidios,—lugubres como a mesma Parca, negros como a negrura d'um sepulchro, onde os exilados do convívio social vão pagar, com tormentos indefiniveis, o mal que fixaram aos seus semelhantes, só poderia escutar uma historia de sangue.

Continuo... socorreu e preparou-me para ouvir.

Elle, um vulto pallido e emmagrecido, de olhos ainda scintillantes de vivacidade, firme na voz, que aliás teria perdido tres quartos da sua tonalidade, elle parecia attrahir-me e começou assim:

—Aqui na minha fronte, d'onde se irradiaram pensamentos de tudo quanto é justo e são, trago estampado o ferrete de condemnado; e aqui, aqui... n'este coração, que palpitou para amar, que viveu para querer bem, está escripta a palavra—assassino!...

E apertava convulsamente o peito com as duas mãos...

—Assassino!... Sim; bem sei que o fui... mas criminoso, nunca!!!

—Anniquilei uma existencia,—a vida d'uma mulher... Essa mulher, morta... morta por mim, era minha esposa... Esposa, que tinha todo o meu amor... Eu adorava-a!...

Apoz um pequeno silencio, continuou:

—Sabe onde nasci! Recordo-se, de certo, d'aquelle jardim tão verde, tão de esmeralda, onde colhi as fragancias do tempo infantil, onde bebi a essencia do que é bello e bom... Matisavam-n'o vistosas flores, beijadas pela viração suave da tarde e pelos leves colibris que esvoaçam.

—Alli irrompeu a aurora do meu amor; longe se fez o occaso da minha felicidade!

—Assim que amanheceu, vivi... Chegando a noite, morria... Porque hoje sou um homem morto...

—Depois, estava longe, bem longe do lugar onde primeiro vimos—eu e a minha amada—os raios do sol... Arrastara, presa a uma fibra do meu coração, aquella que se acolheu junto do meu viver, trazendo-me a ventura no dulcor dos seus beijos...

—Amava-me tanto como eu a idolatrava!

—Um dia, chegando a casa, encontrei a flôr da minha existencia, a bella e adorada Amina, com um ar de tristeza, e julguei que havia chorado pouco antes. O que teria succedido?! Que espinho a ferira?! Que tormento a assaltara?!... Então cheguei-a muito ao meu peito, a este peito hoje mirrado, passei-lhe um braço ao redor do seu colo, de marmore brando, e perguntei-lhe qual o segredo das suas lagrimas, e que fel a amargurava.

—Hesitou por um momento... Por fim deu-me a perceber que na minha ausencia—e isso acontecia muitas vezes—foi invadida pela nostalgia do seu jardim de infancia, do lar de seus paes, e por instantes entristeceu-se, como a pomba fóra do seu ninho paterno... Mas quando appareci, desvaneceu-se o pezar e o véu de tristeza rasgára-se, ou antes, como ella dizia com a sua voz feiticeira:—eu desfazia-o como se desfaz uma teia da venenosa tarantula...

—Ouvia-a e chorava silenciosamente...

—Uma nuvem negra, como a mais negra desgraça, perturbou-me o espirito... Sem eu querer, sem a formosa pomba querer, a sua vida era ameaçada de inquietações, que á minha delicada sensibilidade pareceram profundas e esmagadoras...

—E eu enlaçava-a; restringia cada vez mais o circulo do meu braço, que era um collar de ferro em volta do seu colo, de marmore brando...

—Já não tinha lagrimas para derramar... De repente... Ouça agora bem... Escute... Fui assassino!... Não me abandone n'esta occasião, não fuja... Vou dizer-lhe tudo!... Bem o vejo pallido, mas escute... Estava-a enlaçando; de repente senti uma convulsão medonha em todo o corpo, um espasmo sacudiu-me todos os musculos e cahi, arrastando-a na queda...

—Ergui-me; no fim de que tempo, não sei... Tentei erguer a minha ferida pomba e ella... immovel, fria, inanimada...

—Estava louco e corri para fóra n'um terrivel desvairamento... Não sei o que respondi ás perguntas que me faziam... Lançara o terror no espirito dos que me encontravam... Fugia, sempre a correr; não sei para onde ia... Finalmente, n'um momento, julguei que me perseguiam e diziam em voz bem alta:

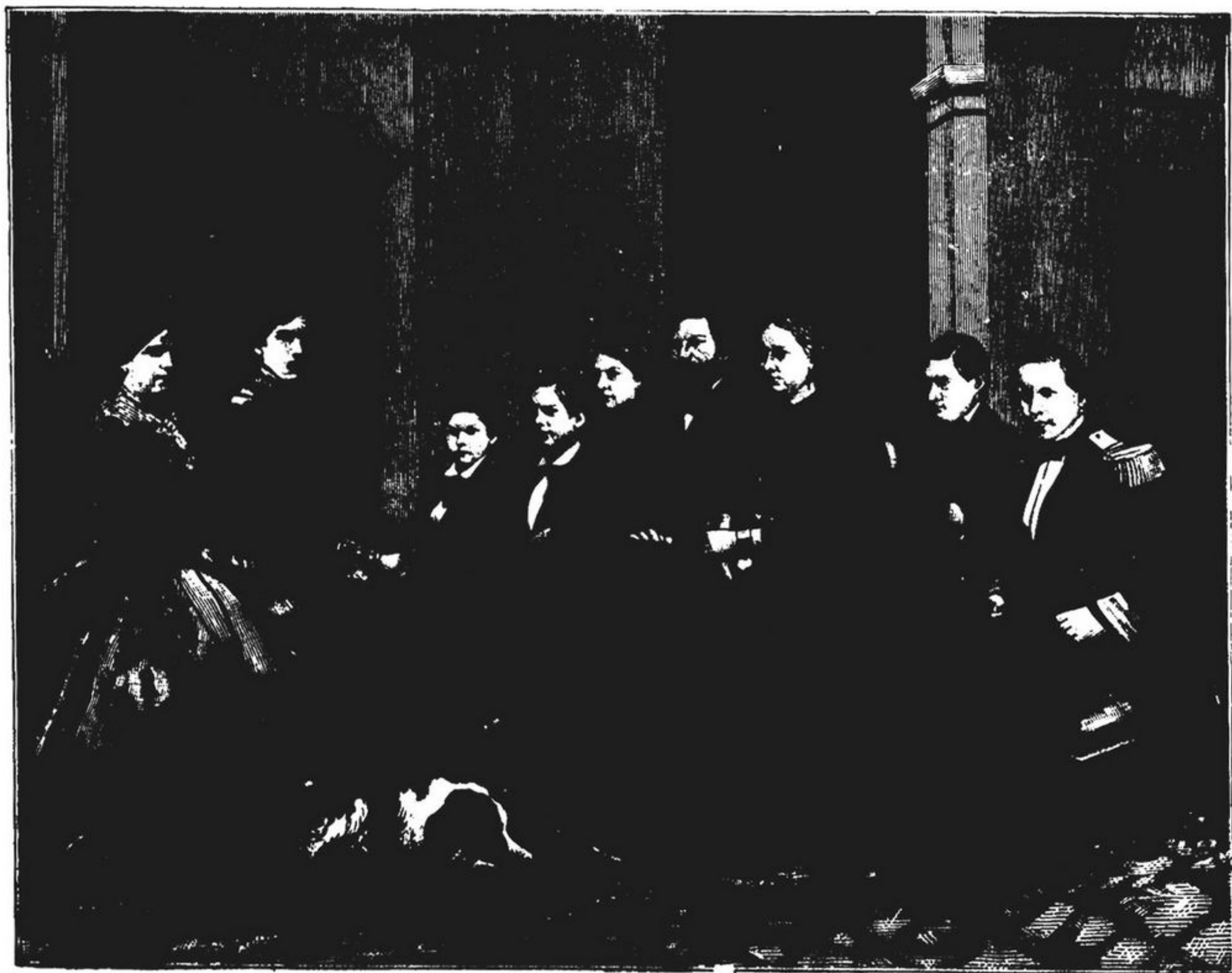
—Agarra! Agarra o assassino!

—Então, quiz continuar a correr e cahi extenuado...

Esta terrivel recordação prostrou o infeliz condemnado, e eu senti realmente a sua desventurada sorte!

Quando o vi com apparencias de morte, senti dizer-lhe:

—E' bem dura a fatalidade que o acompanhou... Contudo, parece-me que não facto, para não chamar-lhe—crimes—seria



1

2

3

4

5

6

7

8

9

A RAINHA D. MARIA II E SUA AUGUSTA FAMILIA

1, D. Estephania—2, D. Paula—3, Infante D. Augusto—4, Infante D. Fernando—5, Infante D. Antonio—6, El-Rei D. Fernando
7, Infante D. Maria Anna—8, Infante D. João—9, El-Rei D. Luis

seus visinhos que, do lado da defeza, offerecesse uma prova de inconsciencia no homicidio, ou, pelo menos, uma palavra que attenuasse a sua gravidade. Porque a pena que lhe impozeram é exactamente aquella que dão a um scelerado, a um bandido...

—Cale-se, peço-lhe... Os peritos declararam que a minha formosa Amina succumbira a uma asphyxia por estrangulação, com fractura das cartilagens da larynge... Fôra o meu braço que, em vez de ser o seu esteio, anniquillou a sua vida... Perdôa, boa companheira! Perdôa!...

—Ao interrogarem-me, respondi, com a dôr na alma, que fôra eu o assassino! Occultei as circumstancias ha pouco relatadas; recusei todos os elementos de defeza. Servos e visinhos nada sabiam a esse respeito, senão que eu era um malvado e que a pobre senhora fôra victima de um crime banal...

—Declarando ao juiz que um assassinio não tem defeza nem attenuantes, elle chamára-me simplesmente:

—Cynico!...

—Agora, para que se não admire d'este ultimo procedimento, vou dar-lhe todas as explicações.

—Eu matei!... Foi o meu braço!... Matei aquella a quem daria todo o sangue das minhas veias... Desfiz a minha felicidade... Quebrei todos os encantos que o mundo poderia offerter-me... Eu era um desventurado; não devia estar entre os que riem e os que se illudem. Era um homem prostrado; devera afastar-me para não ser pisado pela multidão que trabalha. Era, enfim, um morto... Como tal não era justo que me demorasse no meio dos vivos...

Só corrompido e cynico, é que nunca fui...

Aqui, onde Deus véla por esta alma em captiveiro, achasse bem o infeliz, sem a zombaria dos que teem risos e gozos; está descansando o abatido, sem o desprezo dos que passam; e o morto, deitado na sua dura valla, espera em silencio que se lhe abram as portas da eternidade.

Madeira.

M. S.

O CEGUINHO

—

Tocasse elle na flauta as scintillantes variações dos grandes mestres, ou executasse simplesmente motivos populares, seduzia todos. A sua voz, quando a erguia em threnos formosissimos, encantava pela doçura e extensão purissima, de um frescor de peito são.

Era um cego extraordinario, e a gente da aldeia, ouvindo-o, sentia-se possuida de um vago respeito, com esse instincto maravilhoso da plebe, perante as individualidades poderosas.

Chamavam-lhe o *Musico*, alludindo ao seu passado, que era um drama d'amor, commovente e simples, como todos os verdadeiros dramas. E era por isso que as mulheres o estimavam e os homens sentiam por elle piedade.

Qual fôra porém o martyrio que arrancará a luz dos olhos áquelle rapaz, ainda na flor da vida?

O pobre ceguinho, nem sempre fôra cego, não. Tinha nascido com os seus bellos olhos de um azul avelludado, como um *bambino regio*, fazendo o encanto dos paes.

Crescera gentil e intelligente, assimilando facilmente os conhecimentos que lhe dispensavam os mestres. Mas toda a sua inclinação era para a musica, essa arte difficil que requer intelligencia, vocação e coração. Elle tinha estas tres qualidades em subido grau, e por isso, cedo se fez um joven maestrino.

Para se viver de musica, é necessario trabalhar muito e conhecer-a a fundo. Nenhuma arte mais traiçoeira do que esta, para denunciar a inaptidão do professor. O Julio, porém (tal era o nome do nosso heroe), descobriu um segredo que o fez transpôr de um salto todas as difficuldades que só o tempo, isto é, a pratica, desfaz. E esse segredo foi o amor.

Ninguém ignora que os grandes musicos da palavra—os poetas, tiram do amor o segredo da sua inspiração. E' bem que estes outros poetas do som—os musicos creadores, vão

tambem pela musica. E por amor d'ella, estudou furiosamente. Não era um professor, era um maniaco.

A joven filha do conde A... fazia progressos assombrosos. D'este entusiasmo reciproco, nasceu a funesta paixão d'aquellas duas almas d'artistas. Ella era uma pequena adoravel, elle era um formoso rapaz, cheio de talento.

Como elles se amaram idealmente ao principio, como duas almas que se enlaçam no ar, na grande atmospha da arte, que é a região sentimental do espirito!

E esse amor foi crescendo, tomando raizes, trasbordando como a copa do arvoredado na florista, até ao momento psychologico em que feriu a primeira centelha animal. Foi com uma commoção profunda que os dois jovens, actordando do seu sonho d'amor artistico, se contemplaram pela primeira vez no terreno dos factos. Amavam-se como quaesquer outros, que não fossem musicos. Conheceram-no então. A origem, o segredo da sua inspiração artistica, a surprehendente lucidez da sua mutua intelligencia, tudo era devido á excitação do amor, que elles, antes de o comprehenderem, já sentiam.

Foi uma nova phase na existencia d'aquellas duas almas, fatalmente allucinadas uma pela outra. E com a mesma intensidade com que até áquelle momento se tinham entregue a toda a sublime loucura da arte, se entregaram ao desvario da paixão.

O conde de A... era um severo e altivo senhor, descendente de illustres aljubarroteiros, que tinha o culto da honra do nome de familia, e por tal motivo jamais perdoaria um ultrage. Pôde suppor-se pois o furor de s. ex.^a quando se descobriu todo o enredo amoroso da filha com o joven professor, devido á ingenuidade da pobre menina em chamar o soccorro do medico para alarmantes alterações na sua saude e de que ella não atinava com a causa.

Ah! a medicina cruel desvendou tudo. O que se passou, então, foi um horror.

O conde, desesperado, louco de raiva, metteu a filha em carcere privado até ao praso fatal d'ella ser mãe, retirando-se para esse fim para uma propriedade rural e cortando todas as suas relações na côrte. E mandou procurar por toda a parte o Julio, que desaparecera, prevenido a tempo pela infeliz amante.

Toda a gente julgava o conde de uma severidade recóco, por ter sonegado a filha ao convívio do mundo por causa de um namoro; porque, vagamente, se tinha percebido a causa, embora ninguém avaliasse a medonha realidade. E todos os professores jovens tinham inveja do Julio, que subira muito na cotação feminina.

Chegado o dia terrivel, a pobre pequena, a sós com o pae, o medico e uma creada de confiança, muito antiga na casa, deu um herdeiro bastardo ao brazão da familia.

O feroz e altivo conde embrulhou o neto illegitimo n'uma ponta da sua longa capa, e foi elle proprio, pelo silencio sepulchral da noite, como um bandido, lançal-o na roda dos expostos, de uma povoação vizinha.

Ao ver engulido na escancarada e lugubre guela da roda o innocente, teve um forte suspiro de allivio e um sorriso sinistro lhe errou nos labios de ferro. E estendendo a mão para as paredes nuas do edificio, expandiu-se com o ar desdenhoso do vencedor.

—Instituição infame! Tumulo de vivos! Tens mais segurança do que a morte, porque despedaças todos os laços sociaes no direito, e todos os do sangue na familia. Admiravel e infernal! Digno da nossa era de philosophia moderna!...

E envolvendo-se na capa, com uma risada sinistra, poz-se a caminho, n'um passo firme e rapido.

Tres dias depois d'este acontecimento, a filha do altivo conde, não podendo resistir ao duplo soffrimento moral e physico, fallecia.

A situação era de veras critica. O conde não podia eximir-se de dar parte do fallecimento aos parentes e as pessoas das suas relações, sob pena de despertar suspeitas, attento o sequestro



UMA AGUARELLA EL-REI D. LUIZ

mas que era duvidoso que esse expediente afastasse as suspeitas, e que se uma exumação e uma autopsia fosse feita, tudo se descobriria logo.

O conde passou momentos terríveis. Como podia elle evitar a curiosidade intempestiva das mulheres suas parentas, picadas já de espanto e curiosidade pelo isolamento singular do conde e da filha? E á maneira que o tempo corria, as idéas mais disparatadas e sombrias fervilhavam-lhe no cerebro, sem que nenhuma se amoldasse á situação.

Por fim, assentou n'um plano formidável. Mandou armar um pequeno quarto interior dos aposentos da filha em capella ardente, deu parte ás auctoridades, telegraphou para Lisboa á familia, mas guardou-se bem de franquear a escada do palacio á gente da vizinhança, como é costume no campo, o que ninguém estranhou, por conhecerem o caracter altivo e sombrio do conde, que depois da filha morta «ainda tinha medo que a namorassem», dizia o povo.

—Olha o alma damnada! Já se viu um pae tão pouco *amora-rele*? exclamavam furiosas as camponesas, que ardiam em desejos de vêr o palacio.

—Esta gente grande tem outros modos de honrar os filhos, explicava officioso o mestre barbeiro, sorvendo assombrosas pitadas de simonte.

N'essa mesma noite, o conde poz todos os seus papeis e valores no cofre forte, guardou cuidadosamente as chaves e preparou as cousas de tal modo, que á uma hora, quando era absolutamente impossivel todo o soccorro, dada a situação isolada da casa e o somno pesado dos camponios, irrompeu o fogo com grande violencia, envolvendo rapidamente a casa em chammass.

Os creados, espantados e esbaforidos, correram em busca de soccorro ás povoações proximas, e em breve um exercito de camponeses e todas as auctoridades locais se embaraçavam uns aos outros em ordens desencontradas.

O conde, á frente de um troço de homens decididos, como conhecedor da casa, tentára por diversas vezes investir, mas as labaredas enormes, rubras, formidaveis, obrigavam-nos a recuar.

—Perco tudo, incluindo o cadaver de minha filha! exclamava surdamente o conde com os dentes cerrados.

Subitamente sentiu-se ao longe o galope desenfreado de um cavallo, e, minutos depois, um homem apeiou-se e informando-se rapidamente do acontecido, correu como um louco para a casa incendiada, no meio do espanto geral.

Mas immediatamente um grito rouco saiu da garganta do conde. Ao clarão das chammass, illuminando em cheio o rosto do desconhecido, reconheceu o joven professor, amante da filha.

—O Julio! exclamou elle desvairado. Agarrem esse infame! Toda a gente olhou para o conde, estupefacta, julgando que elle havia enlouquecido de dôr.

Mas o drama não devia parar aqui.

O conde, furioso por vêr alfin o amante da filha, que tanto procurava, e ao mesmo tempo receioso de que elle encontrasse o cadaver antes do fogo o desfigurar, pois que elle dispozera as coisas de tal modo, que a camara ardente ficasse desviada do foco do incendio, para poder salvar o cadaver quando lhe conviesse, precipitou-se para uma porta lateral do edificio, por onde não saíam chammass, brandindo um punhal, e desapareceu no interior do predio.

O que se passou então n'aquelle inferno seria digno do Dante. Por entre os tabiques abrazados que ameaçavam desabar a cada momento, os dois homens, curvados, para não serem asphyxiados pelo fumo, perseguiam-se cemo dois cães. O Julio conseguiu assim chegar á camara mortuaria, ainda intacta, agarrou no cadaver, mas no mesmo momento sentiu o punhal do conde feril-o pelas costas; então, sem largar o seu precioso fardo, investiu contra o seu enfurecido inimigo, que recuou instinctivamente, escorregou e caiu. O mancebo saltou por cima d'elle e desapareceu no meio do fumo suffocante.

Quando chegou á primeira janella, precipitou-se, sempre abraçado ao cadaver, todo coberto de sangue, queimado horriavelmente na cara, nas mãos e no feto.

O pobre moço, depois de um tratamento rigoroso no hospital, ficou curado, mas teve a satisfação de saber que a sua amante havia sido enterrada no cemiterio da villa, e que o cadaver da mesma não encontrando, completamente carbonizado, nos

tempos idos. Quando realisava algumas economias, o sympathico ceguinho, que, infelizmente para elle, cegou antes de estar em voga o methodo de Branco Rodrigues, corria a comprar uma corôa artificial e ia religiosamente depô-la sobre a lapide tumular da sua discipula e amante.

Era por isso que as mulheres o estimavam, e os homens tinham por elle compaixão.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

TESTAMENTO SINGULAR

Ha mezes, nos jornaes mais lidos, noticiou-se o suicidio de um rapaz muito conhecido no mundo aristocratico, e a *reportage*, sem atinar com as causas que o podiam ter levado a tão louca resolução, que a fortuna, dotes pessoais e consideração que gosava, estavam longe de presuppor, estendeu-se em considerações de uma philosophia transcendente e obscura a proposito d'essa monomania que entre nós parece ter tomado ultimamente o caracter endemico — o suicidio.

Surprehendêra-me a noticia que acabo de lêr e fazia conjecturas, quando recebi um aviso para comparecer na casa do suicida, afim de tomar conhecimento das suas ultimas vontades, que me eram relativas. Fui. Alli, na presenca das respectivas auctoridades e na do tabellião do suicida, que reconheceu a assignatura, foi-me entregue uma carta que me era dirigida e fóra encontrada ao lado do cadaver. Eil-a:

A GUIX BALLY.

É ESTE O MEU TESTAMENTO

Resolvi matar-me. Não é allucinação nervosa, desespero d'amor, compromettimento d'honra ou o desejo de gosar as ineffaveis delicias da vida d'além campa, em que não creio, o que me leva a esta resolução; no entanto, não é illogico o procedimento que me dictei, é a consequencia de uma necessidade que para mim se extinguiu — viver.

Debalde me interroguei mil vezes; nada desejo, nada sinto, de nada me lembro.

Tentei lutar, oppor um dique ao cansaço que me invadia vontade e desejos, ao esquecimento que me perturbava intelligencia e memoria, e d'esse quietismo lethargico, indolente e passivo, quiz fazer nascer a centelha reanimadora de uma nova vida, refundindo no cadinho do Trabalho essas aptidões, que outr'ora, no estolido mundo dos salões em que estadeeci inconscientemente o fausto deslumbrante da minha fortuna, me celebraram: o espirito, o talento.

Quiz ser poeta, foi o meu ultimo esforço, mas o cerebro negou-se á actividade intelligente e creadora que em mim suppoz existir, e que em vão lhe pedi. Como poderia eu ter a inspiração, se me faltava o sentimento artistico do bello, se nunca tive o impressionismo da forma?

Olhei sempre sem ver, usei de todos os prazeres sem nunca os gozar.—A vida foi sempre para mim um atordoamento confuso de linhas, sons, côres, perfumes, a que nunca encontrei um perfil accentuado, definido.

Se me quero recordar, rebusco em vão no pensamento um nome, uma data, uma affeição; nada do que passou me recorda; nada que impressione de per si, que acorde o torpor do espirito, que crie um atomo de energia, nada que me dê a virilidade do querer. Esmaga-me sempre o conjuncto, só encontro multidão; e, na embriaguez semi-lucida que me tem sido existencia, vejo passar flores, mulheres, vinhos, ouro, luz, poesia, n'um amontoamento confuso de cahos, n'um amalagama indiscriptivel de sonho, n'um esvaecer dissolvente de visão.

Deve ser assim a existencia do Nada.

E' um viver negativo o meu; vou tornal-o positivo matando-me.

Acabo de carregar conscienciosamente o meu revolver, dei-

sou rico, instituo-te meu universal herdeiro, tu ou outro qualquer, que me importava?

Faltam dez minutos para as cinco, tenho tempo ainda de a ler, vejamos o que me escreves... deves então casar hoje às cinco horas, casar? Terei finalmente uma idéa? Se eu me casasse?...

Impossível, falta um minuto apenas. Adeus.—Cinco horas... que coincidência: tu noivo d'amor, eu esposo da morte!

Era funebre demais a coincidência para me permittir regosijos de herdeiro; guardei apenas como recordação o revolver d'aquelle vencido, que tinha apenas vinte e cinco annos!

E é assim o homem: nasce ao saltar da rolla, vive enquanto espuma o Champagne e morre ao sorver a ultima gotta de um vinho exquisito que bebeu sem saborear.—A Vida.

GUIN BALLY.

AS NOSSAS GRAVURAS

O SOLAR DOS DUQUES DE BRAGANÇA EM BARCELLOS

A villa de Barcellos no districto de Braga, muito consideravel pelos seus titulos nobiliarchicos, entrou na casa de Bragança pelo casamento de D. Alfonso, bastardo de D. João I, com D. Beatriz, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Entre as suas ruinas existem ainda as do antigo solar dos Duques de Bragança, representado na nossa estampa.

A RAINHA D. MARIA II E SUA AUGUSTA FAMILIA

Impressiona pensar na devastação causada pela morte em toda essa illustre familia, desde abril de 1836, epocha em que a Rainha desposou El-Rei D. Fernando, até outubro de 1889.

Pouco mais de meio seculo vae decorrido, e, todavia, das dez pessoas cujo retrato hoje damos, apenas sobrevive uma, a senhora Infanta D. Antonia, nascida em 1845, e essa mesma ameaçada, ha annos, por uma doença terrivel, que nos ultimos tempos se tem exacerbado.

Uma triste sina de familia parece obstar a que as cans da velhice embranqueçam a cabeça dos filhos da Rainha D. Maria II. Ainda mais. Parece apostada em victimar por series as pessoas d'essa familia tão bondosa, tão bemfazeja, tão querida dos portuguezes.

A Rainha D. Maria II, falleceu, como se sabe, a 15 de novembro de 1853, contando apenas 34 annos de idade.

Seguiremos agora a ordem numerica dos outros retratos, resultante da sua collocação no grupo.

N.º 1—Rainha D. Estephania, que passou como um meteoro fugaz pelo throno de Portugal.

N.º 2—El-rei D. Pedro V, nascido a 16 de setembro de 1837 e fallecido a 11 de novembro de 1861.

N.º 3—Infante D. Augusto, nascido a 4 de novembro de 1847, e fallecido a 26 de setembro de 1889.

N.º 4—Infante D. Fernando, nascido a 23 de julho de 1846, e fallecido a 8 de novembro de 1861.

N.º 6—El-rei D. Fernando, nascido a 29 de outubro de 1816 e fallecido a 15 de dezembro de 1885.

N.º 7—Infanta D. Maria Anna, nascida a 21 de julho de 1843, casada a 11 de maio de 1859 com Frederico Augusto Jorge, duque de Saxe, fallecida em Dresde a 5 de fevereiro de 1884.

N.º 8—Infante D. João, nascido a 16 de março de 1842, e fallecido a 27 de dezembro de 1861.

N.º 9—El-rei D. Luiz, nascido a 31 de outubro de 1838, e fallecido a 19 de outubro de 1889.

El-rei D. Pedro V parecia ter uma prophetica intuição d'esta triste sina de familia.

Um dia, aquelle malogrado soberano perguntou a um dos seus mais dilectos criados:

—E' meu amigo?

O interrogado respondeu:

—O' meu senhor, pois eu não hei de ser amigo de vossa magestade?

El-rei D. Pedro V replicou:

—Melhor seria que o não fosse, porque todos os que são meus amigos, morrem cedo.

Que mais intimos amigos do que aquelles que a natureza collocou a nosso lado,—os nossos irmãos de sangue?

Pois a phrase d'el-rei D. Pedro V tem-se realisado: de todos os seus irmãos apenas resta um!

UMA AGUARELLA D'EL-REI D. LUIZ

Além do precioso autographo que El-Rei D. Luiz publicou no numero unico do jornal *Lisboa-Porto*, por occasião do incendio do theatro Baquet, S. M. offereceu á commissão da imprensa a aguarella que hoje reproduzimos e que tambem ali foi publicada.

E' um trabalho primorosissimo.

EL-REI D. LUIZ, CAÇANDO

Toda a gente sabe que o fallecido monarcha era um caçador habilissimo, eximio.

Nas tapadas de Mafra e Villa Viçosa, atirando á caça brava, na da Ajuda atirando aos pombos, El-Rei D. Luiz desbancava, na certeza e precisão do tiro, os mais dextros caçadores.

No estrangeiro, Sua Magestade tomou muitas vezes parte em brilhantes caçadas, notabilizando-se sempre e conquistando merecidos e entusiasticos applausos.

EL-REI D. LUIZ, A RAINHA E SEUS FILHOS

E' um grupo encantador, o que hoje damos. Recorda elle tempos felizes, em que os dias decorriam alegres para a familia real, que no mutuo amor e no entranhado affecto do paiz encontrava a ventura, que nial suppunha de tão breve duração.

Não vão decorridos muitos annos.

El-Rei e a sua familia estavam em Queluz. Achava-se em Lisboa um notavel professor francez de pintura historica, mr. Leyraud, e foi elle quem executou o quadro a oleo ccm o grupo da regia familia em tamanho natural, quadro de incontestavel merecimento, em que se revela a palheira de um grande artista.

Que contraste os d'esses dias com os de agora!

Então, uma aureola de felicidade, amimando a existencia de monarcha que amava a patria e a d'ella amada elle



EL-REI D. LUIZ, CAÇANDO

A CAPTIVADA

Está postada á beira-mar: — Um dia,
Ao som da vaga tepida que arfava,
E á morna luz do sol que se alongava
Pelo areal da plaga luzidia:

Eu penetrei o asylo em que sorria
A mãe de Deus. O padre consagrava
A hostia santa. O incenso fluctuava,
E o rosto meu de lagrimas fulgia...

Por isso, agora, ó pomba immaculada,
Quando te vejo ao pé de mim tão bella,
Tão risonha, tão branca, tão singela,

Chora minha alma alegre e ajoelhada
Como ante o altar da virginal capella
Da pobre egreja á beira-mar postada.

LUIZ GUIMARÃES.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Esta parte da charada
Vemos no ceu a brilhar. — 2.
A segunda, cá na terra,
Ninguém a quer habitar. — 2.
Quem o todo ter deseja?!
Quem?! Se não for um alvar?!

Come-se a letra e lê-se — 2—1
O animal walsa d'um logar para outro — 1—2

Madeira.

ESTEVÃO AFFONSO.

LOGOGRIPO

A F. J. Sergio da Veiga

Amigo, compulse a historia,
P'ro logogripho matar:
Tem á frente dois guerreiros,
por isso, armas apontar.

Foi um habil general,
mas teve mau coração; — 10, 7, 8, 8, 9.
Foi um guerreiro temido
Pelos crentes do Alcorão. — 6, 2, 8, 9, 7, 5.

Deus não a move sem fim. — 4, 2, 4, 8.

Foi aqui muito abatido
O orgulho d'uma nação. — 6, 8, 9, 1, 2, 9.

N'esta batalha se obraram
Prodigios de gran valor;
Poucos venceriam muitos,
Se não houvesse um traidor.

Conceição d'Ourique.

M. Dias Coelho.

ENYMGMA

	A	B	
	1	1	
D	E	I	L
1	4	1	2
M	N	O	R
1	3	3	2
	T	Y	
	1	1	

Repetindo as letras tantas vezes quantas os algarismos indicam, formar o nome d'um illustre general portuguez, já fallecido.

J. A. CORREIA.

Decifrações

DA CHARADA:

P i p a
i t e m
p e t a
a m a r

DO ENYMGMA: — GOMES, GOES.

DO LOGOGRIPO: — LAUENBURGO.

DO PROBLEMA:

O juiz mandou juntar um boi aos 17 divididos em testamento, e depois fez a divisão dos 18, dando 9 ao 1.º, 6 ao 2.º e 2 ao 3.º, e retirando em seguida o boi que mandára juntar.

UM CONSELHO POR SEMANA

MADEIRA IMITANDO EBANO

Para dar á madeira a apparencia do ebano, basta mergulhar os objectos, ou os pedaços de que hão de ser formados, n'uma solução de permanganato de potassa.

A RIR

N'um exame de medicina.

— O que é um deffluxo?

— É uma tempestade dentro do nariz.

Uns noivos apeiam-se em Cintra e vão para o hotel Victor.

Ella — Pego-te uma cousa: façamos todos os esforços para que se não perceba que somos casados de fresco.

Elle — Está dito. Leva tu a mala.

Ora já se viu cousa igual? Não encontro em loja nenhuma um chapéu que me sirva.

— Com effeito! Que grande cabeça tens!

— Não é isso; a minha cabeça é como qualquer outra; mas o que eu não encontro é um chapéu... fiado.

FLORES DO BEM

(De Catulle Mendés)

Tinham casado havia um anno, e adoravam-se. Ella joven e gentil; elle moço também. Dois santos formosos, e duas almas sublimes!

O que os levaria áquella aldeia tão arredada da capital, povoação isolada e triste de que nem sequer resam os *Guias do viajante*, onde a relva cresce aos palmos nas ruas estreitas, descalças e tortuosas, onde o silencio morno das tardes é apenas interrompido pelo ruido dos guizos das muare e o tilintar dos vidros do vetusto churrião que regressa vazio, a maior das vezes, da distante estação do caminho de ferro?

A ideia d'esta digressão partira de Cecilia. Não quizera o incondescendente esposo annuir ao desejo; ella, porém, certa manhã que o encontrara de humor pachorrento, lançara-se-lhe ao pescoço e em meio de blandicias e affagos instára com elle para que cedesse.

«Não foi na falda d'aquellas serras que tu nasceste, onde brincaste, onde viveste junto de teus paes, que ali morreram ha pouco mais de um anno?

Não imaginas que curiosidade tenho de ver a casinha em que tu fallas tantas vezes; e mais o jardim que te parecia muito grande porque eras muito pequeno; onde correste e brincaste com as creanças da tua idade! Quero que me mostres o tanque onde ias atirar pedras para ouvires o resaltar da agua; e as moitas onde ias colher os ninhos das perdizes; e o carreirinho que seguias para a escola, e percorrer contigo as azinhagas em que ias colher amoras... Como havemos de rir, quando nos recordarmos de quando tu, do tamanho da tua bengala, de calcinhas curtas e o cestinho da merenda no braço, caminhavas lépido por aquellas quelhas... rir é um modo de fallar!... não cuidas que não sou já uma senhora de juizo...

E tudo isto porque te amo... porque te quero muito, muito!... porque tenho ciúmes d'esse passado e não quero que elle seja só teu.

Não quero, ouviste? não quero que penses, seja em que fór, que não penses juntamente em mim. Esta idéa põe-me triste... A minha vontade é nunca te deixar, que me leves sempre contigo, que me lembres a todo o instante n'outro tempo te cercas. Que eu te appareça nos teus sonhos, que me allies ás tuas recordações, embora de futuro passado ha muito. Ouves? E n'isto,

secreto sentimento de tristeza—e tudo por causa do beijo que ella lhe dera.

Passaram deliciosos os primeiros dias de estada na aldeia.

Para Cecilia tudo eram pretextos de riso e alegres motejos: as viellas escuras e sombrias; a praça deserta; as lojas onde envelheciam, pendurados, os lenços de panninho, de parceria com as panellas e as vassouras; o basbaque extatico da elegancia e formosura da dama da capital, tudo para ella era objecto de galhofa, tudo adoravel! Se até chegou a dizer que era um regalo a cama da estalagem; que levava a noite de um somno!... embusteira!... ella quasi que não dormia...

Uma noite houve um arraial na aldeia; fogaças, morteiros, fogo de vistas, roleta... Um delirio! Cecilia quiz por força entrar na barraca da cigana, para que ella lhe *deitasse as cartas*.

Consultado o prophetico baralho, affiançara-lhe a sybilla «que a linda menina não tinha uma só pessoa que lhe quizesse mal e que o az de ouros affirmava que possuiria quanto appetecesse.»

—Isso já eu sabia, exclamou ella ingenuamente, lançando os braços ao pescoço do marido, com grande pasmo da cigana, que ficou commovida.

Visitou, como era seu intento, a casa meio desmoronada onde se tinham fiado os paes de Eduardo.

—Que pena que não sejamos ricos para a comprarmos e mandarmol-a reedificar!... dizia ella. Pediu-lhe depois que lhe contasse minuciosamente a vida que ali passára. A que horas se levantava, o que fazia, que lugares occupava cada um á meza... Fallaram dos serões á luz do candieiro, elle lendo em voz alta, e sua mãe, já velhinha, a escutar, a fazer meia, e a cabecear refastelada na sua poltrona com o braseiro aos pés.

Mas o que mais vivamente a encantou foi o jardim! Lá estava ainda o tanque, e para imitar o esposo atirou também pedrinhas á agua para a ver repuxar.

Ninhos de perdizes é que não encontrou nem meio!... Que pena!

Depois, na azinhaga que conduzia á escola, que fartadella de amoras, a ponto de ficar toda lambusada!

Que loucura de contentamento! Lia-se-lhe nos olhos uma ventura de lagrimas!...

Eduardo guiava-a, ou seguia-a, desvanecido de tanta ternura, mas não sorria alegre, fallava pouco, occultando sobreposse não sei que vaga tristeza; preocupava-o emfim qualquer ideia sombria.

Um dia, logo ao abrir da manhã, vestiu-se á pressa e sahiu precipitadamente do quarto, sem sequer pousar um beijo na face de sua esposa, que a fizesse despertar.

Atravessou a aldeia, transpoz as ultimas casas e entou no cemiterio onde alvejavam, aos primeiros lampejos da aurora, as lousas e cruces das sepulturas.

N'um recanto da melancolia estancia dos mortos, parou junto de uma lapide onde se lia: «Alice, fallecida aos 15 annos de idade.»

Ajoelhou, e com a cabeça pendida entre as mãos, orou soluçante.

Eduardo não abria o seu coração a Cecilia; nunca lhe havia fallado de passades amores. A illudida esposa ignorava que elle houvesse amado, adolescente ainda, uma creança que se finara na primavera dos annos, sem sentir o lafejo calido do primeiro beijo. A lembrança, a saudade d'essa creança, nunca mais se lhe apagára do coração.

Na presença d'aquella lousa, sob a qual jazia examine o desventurado anjo, affluiram-lhe em tropel as recordações dolorosas. Parecia-lhe tornar a vel-a, animada como outr'ora, o rosto meigo, o doce e pallido olhar, os labios mimosos, fresca rosa ainda em botão.

Renasciam as horas dos colloquios furtivos, sob as acacias em flôr; as horas de receio e anciedade, ao esperar o bilhete perfumado que ella tantas vezes lançára da janella.

Em meio do silencio melancolico dos sepulchros ouvia o ciciar da sua doce voz, para logo o assaltar a certeza aterradora de que todo o passado se havia sepultado sob aquella lapide.

Fitava a lousa muda e via-a de novo, a fronte desmaiada, os olhos cerrados, a cabeça recostada sobre um coxim de flores... visão cruel que lhe torturava a alma.

Deante d'essa sepultura, soffria, agora, passados dois annos, agonias que não soffrera antes, e, das palpebras cerradas, deslizavam lagrimas de saudade amarga!...

Levantou-se da sepultura muda, voltou o rosto. Cecilia,

A esse tempo devera ter lido a inscripção e adivinhado tudo.

Eduardo levantou-se, tremulo, sem ousar trocar com ella uma unica palavra e nem sequer pegar-lhe na mão.

Afastou-se lentamente e saiu do cemiterio, como uma creança vexada da falta commettida.

Por muito tempo vagou ao acaso, atravez do campo, sem saber que resolução tomar e sem coragem de voltar á aldeia.

Receiava tornar a vêr Cecilia, que, amante e ciosa, deveria sentir na alma o odio, ou o que peor era, a magua.

A esse tempo já nada ignoraria do que elle quizera occultar-lhe. Saberá já que elle amára outra com extremos de pranto.

Perdoar-lhe-ia talvez essa affeição; o que jamais lhe perdoaria eram as lagrimas pela sua memoria e em que revivia todo o passado amor.

Coavam-se-lhe no ouvido as palavras de odio de envolta com

se aproximava da aldeia, ia demorando a marcha. Gastou uma hora para chegar a casa, e dez minutos talvez a subir a escada. O coração batia-lhe descompassadamente.

Entrou emfim.

O que lhe diria ella? dignar-se-ia fallar-lhe ao menos? O que havia a esperar, senão uma queixa desabrida ou um calculado silencio?...

Enganam-se! Nada d'isso succedeu!

Nunca Cecilia lhe fallára com mais doce e carinhosa voz!...

—Até que chegaste, meu amor! e estendeu-lhe risonha a fronte.

—Que! pois nem colérica, nem magoada? —Eduardo não reparára que ella tinha os olhos vermelhos de chorar.

—Quem sabe! pensou elle, talvez não tivesse lido o epitaphio gravado na lousa!...

Mas ainda não é tudo.



EL-REI D. LUIZ, A RAINHA E SEUS FILHOS

os queixumes e com as accusações lamentosas com que ia acolhê-lo.

Debalde lhe opporia que essa affeição infantil não deixára em sua alma outra coisa mais do que uma recordação suave, sim, mas adormecida, e que aquella lapide, até então esquecida, avivára até á dôr.

Acaso poderia haver confronto entre um devaneiar da infancia, uma affeição ephemera, apagada, extincta, e o amor viril, ardente, immorredouro que lhe consagrava a ella, á sua esposa querida? Zelos! de quem?... dê uma pobre creança envolta na mortalha antes do desabrochar dos labios e do coração! Que loucura!...

Dizia isto, mas embora! se ella não havia de escutal-o, e la-crimosa e soluçante, lançar-lhe-ia em rosto a sua dissimulação criminal. Mas o que não seria menos admiravel, encaval-o-lhe

Sobre a meza, em rescendentes feixes, estavam dispersos lyrios, açucenas e rosas brancas, como ramilhetes colhidos para um dia de festa.

Eduardo perguntou:

—Para que são estas flôres?

—Estas flôres?... respondeu ella com o seu mais carinhoso sorriso, não viste como estava nua e triste a campa d'aquella pobre creança? Leva-as, leva essas flôres e espalha-as sobre a sua sepultura tão retirada, tão melancholica...

—Anjo da minha alma! exclamou elle, de joelhos; como és boa e generosa para mim e compadecida para com aquella creança que tão cedo foi dormir o eterno somno! Não serel-so a levar-lhe-as, tremos juntos, não é assim?

—Não, meu amigo! respondeu a estremosa senhora com um sorriso melancolico. Não sabes? não, as mulheres creanças ou